

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E**  
**EDUCAÇÃO ESCOLAR**

**FRANKLIN ROBSON MELO DA SILVA**

**MEMORIAL ESCRITO E RELATOS DE APRENDIZAGENS DE PESSOAS**  
**IDOSAS: RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2015**

FRANKLIN ROBSON MELO DA SILVA

**MEMORIAL ESCRITO E RELATOS DE APRENDIZAGENS DE PESSOAS  
IDOSAS: RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Escolar da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago

CAMPINA GRANDE - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Franklin Robson Melo da  
Memorial escrito e relatos de aprendizagens de pessoas idosas  
[manuscrito] : resignificação da vida cotidiana / Franklin Robson  
Melo da Silva. - 2014.  
48 p.

Digitado.  
Monografia (Desenvolvimento Humano e Educação Escolar  
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,  
2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago,  
Educação".

1.Pessoas idosas. 2.Universidade Aberta à Maturidade-  
UAMA. 3. Aprendizagens adquiridas. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

## AGRADECIMENTOS

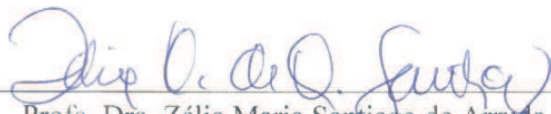
- ❖ Meu agradecimento primeiro vai para o meu sempre presente e inesquecível pai, Alcides Calixto da Silva, já falecido, a quem, juntamente com a minha mãe, Dijanira Melo da Silva, devo os meus primeiros ensinamentos e os louros da minha formação.
  
- ❖ A minha mulher, Maria do Socorro dos Santos Melo, pelo apoio, a paciência e a compreensão nos momentos em que precisei dedicar parte do meu tempo à realização deste curso.
  
- ❖ Aos meus irmãos, parentes e amigos, que ao longo de todo o curso nunca me faltaram com seu apoio e incentivo.
  
- ❖ Aos colegas de turma, que a sua maneira ocuparam um pouco do seu tempo para me prestar assistência nos momentos em que precisei.
  
- ❖ A todos os professores, sem a ajuda dos quais não poderia ter cumprido mais esta relevante etapa da minha vida escolar.
  
- ❖ Em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago, pelos ensinamentos e as providenciais intervenções feitas antes e no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso.

FRANKLIN ROBSON MELO DA SILVA

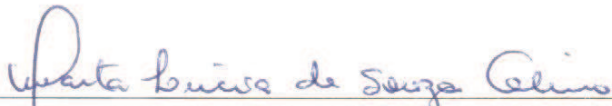
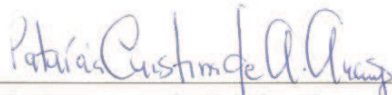
**MEMORIAL ESCRITO E RELATOS DE APRENDIZAGENS DE PESSOAS  
IDOSAS: RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 14/12/15

Banca Examinadora



Prof. Dra. Zélia Maria Santiago de Arruda  
Orientador(a)

  
Examinador(a) 1 - Dra. Marta Lucia de Souza Celino  
Examinador 1

Examinador(a) 1 - Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
Examinador 2

*“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena suavidade para o amanhã.”*

(Leonardo da Vinci)

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AME - Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento  
CF – Constituição Federal  
DPNI - Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MPAS - Ministério da Previdência e Assistência Social  
PAII - Política de Ação Internacional para o Idoso  
PIAG - Integrado de Ação Governamental  
PNI - Política Nacional do Idoso  
UAMA – Universidade Aberta à Maturidade  
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

## RESUMO

As estimativas do aumento na expectativa de vida da população brasileira, motivado pela redução da natalidade, evolução tecnológica e a pesquisa em medicina, tem levado cada vez mais os pesquisadores a tentar compreender o impacto que este fenômeno terá na vida das pessoas idosas. Motivado por esta preocupação, tomou-se como referência de estudo desse Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “*Memorial escrito e relatos de aprendizagens de pessoas idosas: ressignificação da vida cotidiana*”, as mudanças ocorridas na vida pessoal e nos afazeres sociais cotidianos de pessoas idosas, a partir das disciplinas estudadas na UAMA e demais atividades por elas vivenciadas (viagens, festas, educação física, peças, etc.), registradas no memorial escrito. Trata-se de uma pesquisa documental, que segundo Corsetti (2006) são historiográficas, com suporte bibliográfico, que para Salomon (2002) deve estar pautado em conhecimentos de bibliografia e documentação, envolvendo aspectos como: identificação, localização, fichamento e arquivamento, obtenção da informação, redação do trabalho; e de natureza qualitativa e exploratória, sobre as quais Minayo (2001) afirma que a primeira lida com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e a segunda, Gil (2008) ressalta que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, podendo envolver levantamento bibliográfico, entrevistas e consultas a pessoas relacionadas ao tema pesquisado. Sendo assim, esse estudo objetivou analisar memoriais escritos por pessoas idosas da UAMA para se constatar, por meio dos relatos, as mudanças que ocorreram na sua vida cotidiana, partindo-se dos seguintes questionamentos: 1) quais os motivos que levam as pessoas idosas a participarem de um programa educacional na universidade aberta à maturidade? (2) Que aprendizagens são relatadas pelas pessoas nos memoriais escritos? (3) É possível relacionar mudanças na sua vida cotidiana a estas aprendizagens? O estudo visou especificamente: Discorrer sobre o papel das pessoas idosas na sociedade contemporânea; Mostrar os ensinamentos e aprendizagens compartilhados pelas pessoas idosas nos memoriais elaborados na disciplina de leitura e produção de textos da UAMA; e, Identificar nos memoriais de pessoas idosas da UAMA os fatores que contribuíram para a ressignificação de suas vidas cotidianas. A análise dos memoriais escritos resultou na constatação de relatos de vida permeados, em sua maioria, por momentos de muitas adversidades que com o passar dos anos e o amadurecimento das experiências vivenciadas no cotidiano, foram sendo superados e ressignificados a partir da aquisição dos novos conhecimentos gerados a partir dos ensinamentos e aprendizagens adquiridos na UAMA, que como ressaltar Kachar (2001) e Todaro (2009) são elementares para a construção de um novo modelo de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoas idosas. Universidade Aberta à Maturidade – UAMA. Aprendizagens adquiridas.



## ABSTRACT

Estimates of the increase in life expectancy of the Brazilian population, motivated by the reduction of the birth rate, technological developments and research in medicine, led increasingly researchers trying to understand the impact that this phenomenon will have on the lives of older people. Motivated by this concern, was taken as reference for study of this work of course completion, entitled: "Memorial writing and reports of learning for older people: resignification of everyday life", the changes in personal life and in social chores day-to-day routine of elderly people, from the disciplines studied at an advantage when they are on and other activities they experienced (trips, parties, physical education, parts, etc.), recorded in the memorial writing. It is a documentary research, that second Corsetti (2006) are historiographic, with bibliographic support, which for Salomon (2002) should be based on knowledge of bibliography and documentation, involving aspects such as identification, location, book report and archiving, obtaining information, work writing; and qualitative and exploratory nature, on which Minayo (2001) states that the first deals with the universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes, and the second, Gil (2008) points out that aims to provide greater familiarity with the problem may involve literature review, interviews and consultations to people related to the topic searched. Therefore, this study aimed to analyze memorials written by elders of UAMA to see, through the reports, the changes that occurred in their daily lives, starting from the following questions: 1) What are the reasons why older people participate in an educational program at the Open University to maturity? (2) That learning is reported by people in the written memorials? (3) It is possible to relate changes in their daily lives to these learning? The study aimed specifically: Discuss the role of older people in contemporary society; Show the teaching and learning shared by the elderly in elaborate memorials in reading discipline and production of UAMA texts; and Identify the memorial of elderly UAMA of the factors that contributed to the redefinition of their everyday lives. The analysis of written memorials resulted in finding permeated life stories, mostly through times of adversity that many over the years and the maturing of experiences lived in daily life, were being overcome and reinterpreted from the acquisition of new knowledge generated from the teaching and learning acquired in UAMA which to underscore Kachar (2001) and Todaro (2009) are elementary to construct a new model of life.

**KEYWORDS:** Elderly. Open University to Maturity - UAMA. Learning acquired.

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

RESUMO

ABSTRACT

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>2 A PARTICIPAÇÃO DOS IDOSOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.</b>	<b>17</b>
2.1 Idosos aprendentes e ensinantes:o que aprender e o que ensinar?.....	22
<b>3 RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA CONTIDIANA: RELATOS E</b>	
<b>MUDANÇAS.....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural pelo qual todo ser humano, no decorrer de sua existência, haverá de passar. Segundo Beauvoir (1970, p. 41), “Para compreender a realidade e o significado da velhice é indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual a imagem que deles se tem em diferentes épocas e em diferentes lugares”.

Segundo Costa (1998), o tema “pessoas idosas” é muito difícil de ser tratado, tanto pelos mais jovens como pelos próprios idosos que, na maioria das vezes, passam a se sentir inúteis ao perceberem a diminuição de sua capacidade física e a sua saúde se fragilizar, a ponto de não conseguirem mais cumprir o papel social responsável pela construção da sua imagem de cidadão cumpridor de seus deveres.

Nos países ocidentais, onde o culto ao corpo jovem e saudável é bastante valorizado, a velhice sempre foi vista como algo descartável, geralmente associada à ideia de inutilidade, doença e morte. Dados fornecidos pela Política de Ação Internacional para o Idoso (2003), mostram que “Até 2050, o número de idosos aumentará em aproximadamente de 600 milhões a quase 2 bilhões. No decorrer dos próximos 50 anos haverá no mundo, pela primeira vez na História, mais pessoas acima de 60 anos que menores de 15”. O dado mais importante é que o aumento do número de idosos será maior nos países em desenvolvimento. A previsão é que em 50 anos a população idosa do mundo em desenvolvimento seja quadruplicada.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008), houve um crescimento na participação relativa da população com 65 anos ou mais, de 4,8% em 1991, para 7,4% em 2010. Visando atender essa demanda crescente, foi instituída em 04 de janeiro de 1994, a lei 8.842, da "Política Nacional do Idoso" - PNI, objetivando assegurar os direitos sociais e as condições para promover a autonomia, integração e participação efetiva na dos idosos na sociedade. Na Sessão II, sobre as diretrizes, o Artigo 4o, item I prevê: "Viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações". Nesta seção se inserem os cursos de aprendizagem continuada, aqui entendidos como parte de um processo cognitivo de construção de mundo, sobre o qual Kachar (2001) entende como uma construção dinâmica e inseparável do histórico de vida, do processo de viver.

O acesso aos cursos de formação continuada é uma oportunidade que as pessoas idosas têm de aprender e poderem, igualmente, ensinar, posto que, em função de sua longa experiência

de vida, pode-se inferir que estas acumularam um vasto aprendizado que esta altura se traduz em um saber que pode ser compartilhado com a sua própria geração e com a geração atual, que apesar de em alguns momentos ignorar tal saber, carrega consigo heranças do conhecimento herdado dos mais velhos para sempre, pois como se sabe o conhecimento é transmitido de geração para geração.

Por entender que na atual sociedade, muitas pessoas idosas se sentem motivadas e expostas a outras aprendizagens, a exemplo do que ocorre nas disciplinas estudadas na UAMA e atividades paralelas, como viagens, festas, educação física, peças, etc., infere-se que estas podem contribuir para uma série de mudanças na sua vida pessoal e nos afazeres sociais cotidianos, dando forma às palavras de s Freire (2001) afirma: “que não haveria existência humana sem a abertura do nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência”.

O interesse por esta temática se deu a partir das discussões realizadas durante os encontros da disciplina Desenvolvimento Humano e Educação de Idosos, no curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, em que se constatou o tratamento limitado dado aos estudos da velhice e do envelhecimento, assim como pesquisas realizadas com a educação formal e informal com pessoas idosas que defendem que estas podem (re)construir o rumo de suas vidas, sendo capazes de administrar mudanças ocorridas na vida familiar e extra familiar.

Portanto, objetiva-se analisar memoriais escritos por pessoas idosas, a fim de se constatar que mudanças ocorreram na sua vida cotidiana, baseando-se em relatos de aprendizagens coletados na UAMA. Deste objetivo geral surgem algumas questões norteadoras da pesquisa: 1) quais os motivos que levam as pessoas idosas a participarem de um programa educacional na universidade aberta à maturidade? 2) Que aprendizagens são relatadas pelas pessoas nos memoriais escritos? 3) É possível relacionar mudanças na sua vida cotidiana a estas aprendizagens? Estas questões norteiam os objetivos específicos desta pesquisa, onde se pretende:

- Discorrer sobre o papel das pessoas idosas na sociedade contemporânea;
- Mostrar os ensinamentos e aprendizagens compartilhadas pelas pessoas idosas nos memoriais elaborados na disciplina leitura e produção de textos da UAMA;
- Identificar nos memoriais de pessoas idosas da UAMA os fatores que contribuíram para a ressignificação de suas vidas cotidiana.

A elaboração do memorial escrito é uma oportunidade das pessoas idosas continuarem aprendendo em grupo, conforme expõe Motta (2004, *apud* Peixoto, 2004), ao afirmar que o encontro de pessoas idosas em grupos organizados, com variados propósitos, desenvolve sociabilidades marcadamente intrageracional é um fenômeno próprio da sociedade atual, em que os mais velhos, paralelamente a uma marginalização social advinda depois da aposentadoria e/ou dos filhos (e sobrinhos...) criados, buscam formas de encontro geracional ou de atividade extrafamiliar.

Teórico-metodologicamente esta pesquisa funda-se nos autores que discutem o envelhecimento, a exemplo de Mercadante (2009) e Mendes (2012), a educação continuada, conseqüentemente, aprendizagem continuada (Universidade Aberta) por Kachar (2001), o Estatuto do Idoso, e os dados da Agenda Internacional do Idoso (2003); os ensinamentos de Freire (2009), que compreendem as pessoas ativas e participativas na sociedade, ensinantes e aprendentes, assim como, as histórias e experiências de vida como um bem patrimonial de Alberti (2010), e, ainda, no Documento Nacional e Internacional do Idoso, entre outros.

A discussão desta pesquisa estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à metodologia da pesquisa, onde se procurou demonstrar todas as etapas necessárias para atingir os objetivos almejados. O capítulo dois enfoca a participação dos idosos na sociedade contemporânea, onde se procurou mostrar como estes têm se comportado frente às mudanças impostas pela nova sociedade em construção, marcada principalmente pela necessidade de adaptação de todos os grupos sociais às orientações das políticas de integração social e econômica do mundo globalizado, que deve ter como objetivo central para uma sociedade menos desigual a busca pelo conhecimento como instrumento de transformação social. O terceiro capítulo foi dedicado à análise dos relatos de pessoas idosas nos memoriais escritos da UAMA, visando verificar a contribuição do aprendizado adquirido para a ressignificação da vida no cotidiano.

## 1 METODOLOGIA

A metodologia visa à organização do estudo a partir de procedimentos e roteiros para se atingir os objetivos propostos no decorrer da realização de uma determinada pesquisa. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa documental com suporte bibliográfico e abordagem qualitativa e natureza exploratória.

As pesquisas documentais se baseiam em documentos escritos ou não, e segundo Corsetti (2006) são historiográficas, utilizam fontes primárias de largo espectro, vinculadas a objetos situados no plano das políticas educacionais, sistemas de ensino, instituições educativas, educação na imprensa, história das disciplinas escolares e acadêmicas, história do currículo, e vários outros campos investigativos. Para Bacellar, *apud*, PINSKY (2010, p. 24) “O trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis.”.

O estudo bibliográfico se baseia em outros trabalhos já realizados e de acordo com Salomon (2002), deve estar pautado em conhecimentos de bibliografia e documentação, envolvendo aspectos como: identificação, localização, fichamento e arquivamento, obtenção da informação, redação do trabalho.

Quanto à abordagem qualitativa e a natureza exploratória, Minayo (2001) afirma que a primeira lida com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, enquanto Gil (2008) ressalta que a segunda visa proporcionar maior familiaridade com o problema, podendo envolver levantamento bibliográfico, entrevistas e consultas a pessoas relacionadas ao tema pesquisado.

A pesquisa foi realizada nos arquivos da Universidade Aberta à Maturidade – UAMA que funciona no campus I da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, localizada no Bairro de Bodocongó, em Campina Grande – PB, e tem como públicos-alvo idosos, acadêmicos e estudiosos ligados à temática da gerontologia e outras áreas do conhecimento com interesse na questão do envelhecimento.

Bacellar, *apud*, PINSK (2008, p. 23) afirma que “Pesquisar em arquivos é o destino de muitos dos jovens profissionais que ingressam nos cursos de pós-graduação em História, ou mesmo daqueles que ainda dão seus primeiros passos em projetos de iniciação científica.” Para o

autor, bons professores de História no ensino médio, e uma literatura de best-sellers históricos têm promovido uma espécie de encantamento de jovens pela aura do cientista a explorar papéis velhos em busca de novidades, como uma espécie de “Indiana Jones” dos arquivos (Idem, p. p. 23).

Apesar de Pinsk se referir mais aos jovens quanto ao seu encantamento pela aura do cientista-pesquisador, é importante ressaltar que tal sentimento abrange os adultos que na ânsia de se especializar em suas carreiras veem nessa tarefa uma oportunidade para avançar na descoberta de novos preceitos que contribuam para oferecer respostas para uma série de fatores que com frequência preocupa a si e a sociedade nos seus mais diversos campos de atividades.

Tais novidades se vislumbram no presente estudo como o foco principal da busca por histórias de pessoas idosas que possam oferecer subsídios para uma análise mais realista acerca das aprendizagens que concorreram para as mudanças no cotidiano destas. Sendo assim, os dados foram coletados a partir de uma consulta a nove memoriais escritos por pessoas idosas acima de 60 anos que concluíram o curso oferecido pela UAMA, que tem como meta atender a demanda educativa de idosos, visando à melhoria das capacidades pessoais, funcionais e socioculturais, por meio da formação e atenção social, e, dessa forma, criar e dinamizar regularmente atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio para a melhoria da vida cotidiana.

O objetivo da UAMA é possibilitar aos idosos à participação em aulas de formação aberta a terceira idade, aprofundando seus conhecimentos nas áreas de saúde, cultura, lazer, conhecimentos gerais e temas relacionados ao envelhecimento e qualidade de vida. Especificamente a universidade busca: desenvolver a autonomia, participação e integração dos idosos, no âmbito acadêmico; promover a inserção do idoso em atividades culturais e desenvolver ações sócio-educativas; compartilhar o conhecimento multidisciplinar; e, oferecer temas e cursos especiais a partir do interesse e necessidade dos idosos integrantes do programa.

O público alvo da UAMA são as pessoas a partir dos 60 (sessenta) anos de idade que desejem ativar suas ações, em torno das diversas formas do conhecimento. As idosas realizam atividades acadêmicas diversificadas, a partir de disciplinas ministradas com a parceria de professores dos diversos departamentos da UEPB, a exemplo de Educação para Saúde Integral, Psicogerontologia, Qualidade de vida e Envelhecimento ativo, Biogerontologia, Nutrição, Atividade física na Terceira Idade, Fisiogerontologia, Farmacologia para Terceira Idade e, principalmente, Leitura e Produção textual que ofereceu aos idosos a oportunidade de aprender a

transformar em texto suas histórias de vidas, antes restritas ao espaço oculto de suas memórias, em relatos de aprendizagem.

Por sua contribuição, a UAMA tem se destacado como um programa de sucesso junto à população idosa, oferecendo a esta diversidade no aprendizado, crescimento intelectual e emocional, benefícios nos aspectos biopsicossociais e culturais, além de investimento nas mudanças no estilo de vida, aspectos esses que repercutem qualitativa e quantitativamente na qualidade de vida dos idosos participantes da Universidade Aberta à Maturidade.

Em seus relatos, os idosos referem-se aos momentos mais marcantes de sua convivência no ambiente familiar, dando ênfase à carência socioeconômica, as brincadeiras de infância, as transformações na adolescência, as perdas e conquistas da vida adulta, fatores através dos quais se deduz que foram determinantes na construção de suas bases familiares.



## 2 A PARTICIPAÇÃO DOS IDOSOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Desde muito tempo se acostumou a tratar as pessoas idosas como um segmento sem muita relevância para o conjunto da sociedade, devido ao estigma criado em torno de sua imagem, quase sempre associada à ideia de um ser descartável. Nos dias atuais são recorrentes as queixas dos mais velhos pelos maus tratos sofridos nos mais diversos setores da sociedade, fato que em pleno século XXI e na vigência da chamada sociedade do conhecimento, corrobora para a manutenção do processo de exclusão a que estes sempre estiveram submetidos.

Na visão de Bosi (1994), no contexto da sociedade industrializada brasileira a velhice sofre por não ter mais serventia. O velho é rejeitado, não se oferece nenhuma sobrevivência a sua obra, resultando na perda da força de trabalho, onde ele já não é produtor e nem reproduzidor. Em outras palavras, o velho não participa da produção, vive tutelado como um menor, a margem de todas as discussões e ações de seu interesse, sendo-lhes negada, assim, a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento, ou mesmo o conflito.

Nos dias atuais a visão acima já não é tão assim degradante, levando-se em consideração os novos entendimentos adotados sobre o processo de envelhecimento e da velhice em si que acabaram dando origem a novas imagens construídas sobre a figura da pessoa idosa, que já não é mais aquela associada à ideia de inutilidade e sofrimento. Neste sentido, Barros, *apud*, Peixoto (2004), compreende a velhice como uma etapa da existência humana baseada em uma construção social forjada pela sociedade moderna no decorrer dos séculos XIX e XX, em que saberes e instituições como pedagogia, psiquiatria, geriatria, escola, hospital, asilo entre outros, orientaram os debates acerca da disciplina, gerência e controle sobre as classificações etárias relacionadas à infância, adolescência, maturidade, velhice e terceira idade e as diferenças de gênero.

Pelo exposto, não se pode falar de uma velhice dependente e arcaica como a retratada por Bosi, pois apesar de alguns vícios por ele citados que ainda persistem na sociedade atual, não se pode negar as mudanças por que esta vem passando, principalmente na relação que vem mantendo com os diversos grupos sociais, entre eles o das pessoas idosas, que devido à evolução no tratamento das questões relacionadas ao seu comportamento e a sua participação na sociedade moderna, boa parte não aceita mais conviver com os estigmas do passado que relacionavam a sua imagem a ideia de doença, inutilidade e morte.

Todo ser humano, de alguma forma e a sua maneira, exerce um papel na sociedade em que vive, incluindo-se as pessoas idosas, que apesar de todo o processo de exclusão a que foram e ainda são submetidos, representam o pilar socioeconômico e afetivo de boa parte das famílias brasileiras que deles dependem para sobreviver. Tal exclusão é uma das razões que tem levado alguns setores da sociedade a lutar para mostrar que todas as pessoas, independente da idade, são capazes de participar com habilidade, dignidade e competência do processo de desenvolvimento humano e social.

O envelhecimento humano é um processo natural que deve ser absorvido com transparência pela sociedade mundial de forma urgente, tendo em vista que em um breve espaço de tempo as pessoas idosas farão parte de um grupo majoritário para o qual todos os esforços e ações devem ser dirigidos, visando à sua manutenção de forma ativa e plenamente satisfeita com a qualidade de vida.

À sociedade cabe reformular seus conceitos acerca da velhice e do envelhecimento, evitando limitá-lo apenas às garantias de saúde e de cuidados aos mais velhos, contribuindo para que cada vez mais as pessoas idosas sejam – e se sintam – efetivamente integradas ao meio em que vivem, como partícipes e cidadãos ativos. Neste sentido, um dos componentes mais importantes desta nova sociedade será, sem dúvida, a atitude dos próprios idosos que, em número crescente e mais reconhecido, terão representatividade maior no atual contexto social.

Sendo assim, o grito que vem das ruas tem ecoado em claro e bom som: os idosos contemporâneos querem participar ativamente da sociedade, dar a sua contribuição para o desenvolvimento humano através daquilo que é capaz e pode de produzir. No entanto, a participação ativa das pessoas idosas na sociedade não deve ser considerada algo externo a sua vontade e a mercê daquela. Participar da sociedade deve ser entendido antes de tudo um direito legítimo e depois como algo de interesse pessoal e coletivo, afinal todos indiscutivelmente envelhecerão um dia.

Seguindo os passos das políticas internacionais para os idosos, o governo brasileiro, através da Política Nacional do Idoso (PNI), definiu uma série de ações que incluiu a participação dos Ministérios da Previdência e Assistência Social, Educação, Justiça, Cultura, Trabalho e Emprego, Saúde, Esporte e Turismo e Secretaria do Desenvolvimento Urbano, com a finalidade de criar condições para que sejam promovidas a autonomia, a integração e a participação dos

idosos na sociedade, assim consideradas as pessoas com 60 anos de idade ou mais (BRASIL, 1994).

As ações do Plano Integrado de Ação Governamental – PIAG, para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso – DPNI, do Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS, objetivam promover uma maior integração do cidadão idoso na sociedade a partir das seguintes diretrizes:

- I – Viabilizar formas alternativas de participação, ocupação, convívio do idoso, proporcionando-lhes integração as demais gerações.
- II – Promover a participação e a integração do idoso, por intermédio de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos.
- III – Priorizar o atendimento ao idoso por intermédio de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições de garantir sua sobrevivência,
- IV – Descentralizar as ações político-administrativas,
- V – Capacitar e reciclar os recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia,
- VI – Implementar o sistema de informações que permitam a divulgação da política, dos serviços oferecidos, dos planos e programas em cada nível de governo,
- VII – Estabelecer mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento,
- VII – Priorizar o atendimento ao idoso em órgãos públicos e privados prestadores de serviços, e
- IX – Apoiar estudos e pesquisas sobre a questão do envelhecimento (1998).

Como se percebe, trata-se de um conjunto de políticas que visam não apenas valorizar, mas prioritariamente ampliar a participação das pessoas idosas, dando a estas a oportunidade de por em prática, no espaço social adequado, a construção de si e do seu projeto de vida na velhice. Nessa perspectiva, Mendes (2012, p.11), afirma que “do nascimento à morte biológica, o ser humano transita pela dinâmica da construção do seu ser como pessoa”, constructo que implica as dimensões psicológicas e cognitivas que coexistem na dimensão social, e inspirou esta abordagem centrada na percepção do idoso como um sujeito em construção, capaz de ressignificar a sua vida a partir do aprendizado adquirido nos novos espaços de convivência surgidos na sociedade, entre eles o das universidades abertas à terceira idade.

Neste sentido, a participação em cursos de formação continuada é apontada como uma das consequências das transformações ocorridas nas últimas décadas, principalmente entre as pessoas idosas (KACHAR, 2001), que do estado de rejeição e inutilidade a que viviam submetidos

durante anos, passaram a usufruir de uma participação mais ativa no mundo contemporâneo, conquistando uma autonomia que lhes permitiu se qualificar, aprendendo e reaprendendo o que é de mais elementar para reforçar ainda mais a compreensão de que ser idoso, na sociedade atual, não pode mais ser considerado algo anormal e imprestável. Quando se fala de transformação e mudança de postura em alguns grupos sociais é importante ter em mente que estas são parte de um processo de conscientização sobre o qual Mercadante (2009, p. 6), afirma que:

A informação, formação e a educação continuada são os principais recursos para a conscientização crescente da sociedade, no enfrentamento dos desafios trazidos por uma das mais notáveis conquistas do ser humano – a longevidade – e primeiro passo para as ações transformadoras.

Devido ao novo olhar dirigido ao lugar do idoso nos décadas derradeiras do século passado, a temática do envelhecimento e da longevidade humana vem sendo discutida, nas últimas décadas, como um assunto prioritário do século XXI, estando atualmente no centro dos debates e das prioridades de todos os países desenvolvidos, em desenvolvimento ou emergentes.

Uma das razões que corroboraram para essa mudança de pensamento pode estar na concepção de que o envelhecimento e a longevidade devem ser vistos não apenas com relação às perdas e as doenças que porventura possam ocorrer, mas como uma consequência do sucesso no processo de desenvolvimento humano e nas articulações entre o capital social, econômico e pessoal por ele gerado, com seu enorme potencial para toda a sociedade (MERCADANTE, 2009, p.7).

No Brasil, Mercadante (2009) afirma que o aumento da longevidade atribuído à queda natalidade e à redução da mortalidade está mais ligado ao desenvolvimento das tecnologias relacionadas à saúde do que a melhoria da qualidade de vida, ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos, que além dos avanços tecnológicos ligados principalmente a área da saúde, o fenômeno é influenciado por políticas públicas voltadas para a melhoria de condições de saneamento, nutrição, ambiente de trabalho e moradia, que contribuem para a elevação da qualidade de vida.

Dados da 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento – AME, realizada pelas Nações Unidas, de 08 a 12 de abril de 2002, em Madrid, Espanha, mostram que a população mundial está envelhecendo de forma assustadora. De acordo com o documento:

O aumento das percentagens de pessoas idosas (com 60 anos ou mais) é acompanhado pela queda das percentagens dos jovens (com menos de 15 anos). Até 2050, o número de idosos no mundo excederá o de jovens, pela primeira vez na história da humanidade. Talvez não tenham reparado, mas esta inversão histórica das percentagens relativas de jovens e idosos registou-se até 1998, nas regiões mais desenvolvidas (NAÇÕES UNIDAS, 2002, p. 1)

No Brasil, os resultados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, apontam para um crescimento na participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010. O crescimento absoluto da população do Brasil nestes últimos dez anos se deu principalmente em função do crescimento da população adulta, com destaque também para o aumento da participação da população idosa. As regiões Sudeste e Sul são as que possuem mais idosos, enquanto a região Norte, apesar do contínuo envelhecimento observado nas duas últimas décadas, apresenta uma estrutura bastante jovem, devido aos altos níveis de fecundidade no passado, o mesmo ocorrendo com a região Nordeste. Na região Centro-Oeste, a população de idosos teve um crescimento, passando de 3,3% em 1991, para 4,3% em 2000 e 5,8% em 2010 (PORTAL BRASIL, 2011).

Os dados acima devem ser refletidos a partir da visão de Mercadante (2009, p. 5), de que no Brasil, país do futuro, como era conhecido:

Este futuro já é um passado, que traz como herança uma série de questões socioeconômicas e políticas não-solucionadas, e que se refletem, de modo claro e preocupante, no tratamento e expectativas da qualidade de vida dos cidadãos brasileiros, especialmente dos que estão em processo de envelhecimento.

Neste sentido, um passo importante foi dado pela Constituição Federal, que no Título II – Dos Direitos Fundamentais, capítulo I – Do Direito à Vida, art. 8º, prevê que: “O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente”; e, ainda, no art. 9º, que: “É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

Na teoria, o disposto nos artigos 8º e 9º da CF/88 prevê a garantia necessária para que os idosos possam desfrutar do respeito e da atenção a que tem direito nesta fase da vida. Na prática, porém, o que se verifica é que o Estado possui uma série de limitações de ordem política, econômica e social que os impede de cumprir, na totalidade, tais garantias, fato que levou

Mercadante (2009) a afirmar anteriormente, que ao contrário dos países em desenvolvidos, o Brasil não investe o suficiente em públicas que permita aos idosos viver com saúde e dignidade.

A inserção dos idosos em plano de educação para todos é um exemplo do que os governantes podem fazer para oferecer a estes a possibilidade de transformar a si e a sociedade em que vive, como, aliás, defendia Paulo Freire, de que através da educação o homem pode se transformar e transformar o mundo. Em outras palavras, dar voz aos idosos é o que muitos defendem para que estes possam conquistar a sua autonomia na sociedade contemporânea.

Neste sentido, a UAMA igualmente se converte em uma política inserida no contexto da educação de idosos como um importante instrumento de transformação, na medida em que disponibiliza aos idosos – ensinantes e aprendentes, um conjunto básico de ferramentas pedagógicas necessárias para que, por si só e conjuntamente, possam dar um novo sentido às suas vidas, como, aliás, ficou demonstrado ao longo dos relatos a seguir apresentados.

## **2.1 Idosos aprendentes e ensinantes: o que aprender e o que ensinar?**

Segundo Neri (1995), o processo de envelhecimento implica uma série de mudanças que acontecem em tempos diferentes e não podem ser generalizadas a todos os indivíduos. A maneira como os indivíduos trabalharão tais mudanças é o que fará a diferença se pensarmos o envelhecimento como algo inerente a uma, ou mais pessoas. Para fazer essa “diferença”, faz-se necessário que o homem tenha em mãos as ferramentas necessárias e adequadas para tornar concreto o seu propósito pessoal e/ou coletivo.

Tanto para quem ensina quanto para quem aprende o conhecimento é considerado uma ferramenta indispensável. Mas para que o conhecimento seja apreendido pelo homem e difundido por toda sociedade faz-se necessário que este esteja preparado exercitá-lo além dos limites da atividade escolar, pois como bem ressalta Todaro (2009), a educação é um processo contínuo vivido pelo ser humano ao longo de sua existência que excede os limites da escola.

Gadotti (1984) compreende a educação como um instrumento que exerce o dever político fundamental de desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências, ou ainda, um espaço de transformação que vai além da simples compreensão da tarefa de transmissão de conhecimento.

Levando em consideração o papel político e social que a educação desempenha na vida do ser humano, Freire (1979: 27), defende que “a educação é uma resposta da finitude da infinitude”, e que por ser o sujeito incompleto, busca no processo educacional pressupostos para suprir sua incompletude, independente da idade ou situação social.

Em outra publicação, o mesmo Freire (1981) prossegue na defesa do homem como um sujeito autônomo e transformador, enfatizando que este deve ser sujeito de sua própria educação, posto que ninguém educa ninguém, o homem como ser inacabado está em constante busca com outros seres, infere-se que a qualquer tempo, este pode ensinar e/ou aprender, dependendo das condições e da estrutura que lhes são oferecidas para tornar efetivo esse processo tão indispensável à sua construção.

Em seu entendimento, Freire defende a necessidade de torná-la acessível a todas as camadas populares para que, dessa forma, possa exercero seu papel, atuando como espaço de discussão e problematização para uma educação consciente, voltada ao exercício da cidadania por sujeitos comprometidos com a transformação da realidade (FREIRE, 2005).

Diante de tais visões, pode-se afirmar que ensinar e aprender são duas atividades elementares ao processo de educação do homem e, por conseguinte, de construção da sociedade, tendo em vista que é através do processo ensino e aprendizagem, elementar na formação de seus membros, independente de idade, sexo, cor, religião, dentre outros, que esta será construída e se desenvolverá.

Segundo Kachar (2001), o termo *ensinar*, provém do latim, *insignare*, significa “*pôr insignere*” ou “*pôr signo*”. Aprender também vem do latim, *apprehendere*, e significa “aprender”, “prender”, “compreender”. Já o conceito de aprender está muito vinculado ao de ensinar, e as concepções atuais enfatizam que a ação de ensinar pode provocar diferentes tipos de aprendizagem. Além disso, a autora defende a ideia de que a aprendizagem está se tornando uma atividade continua que se inicia nos minutos iniciais de nossa existência e estende-se ao longo da vida.

Para Vygotsky (1998), o ensino-aprendizagem inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre estes. Trata-se, portanto, de uma tarefa compartilhada por todos que nela que estão envolvidos, o que mostra a importância da participação efetiva de cada um e da interação si. Neste sentido, Todaro (2009) ressalta que ao longo da vida as pessoas não são

apenas ensinadas, elas ensinam e conduzem o seu desenvolvimento mediado por influências externas que são capazes de provocar em si a reflexão crítica.

Tal visão revela que ao exercitarem tais atividades, ambos, ensinantes e aprendentes, estão igualmente transformando a si e ao mundo, e permitindo, através desse processo, que o ser humano compartilhe com as outras gerações o conhecimento indispensável à sua manutenção e desenvolvimento. Diante disso, Todaro (2009, p. 25) enfatiza que:

Lembrar esses princípios é reafirmar a fé no progresso dos indivíduos de todas as idades, dos grupos sociais e da sociedade por intermédio da educação. Associá-los a iniciativas de educar as crianças para respeitarem os idosos é lembra do potencial humano para a mudança.

Educar as crianças para saber lidar com a velhice e as pessoas idosas é uma das atitudes mais significativas para o próprio desenvolvimento humano, pois como se sabe a criança e/ou o jovem de hoje será o velho de amanhã. Nada mais coerente, então, que esta/este seja educado para saber lidar com esta realidade, procurando desde cedo compreender que a vida é um ciclo pelo qual todo humano haverá de passar um dia.

Campos (1983, p.15), afirma que: “Através dos séculos, por meio da aprendizagem, cada geração foi capaz de aproveitar-se das experiências e das descobertas das gerações anteriores, como também, por sua vez ofereceu sua contribuição para o crescente patrimônio do conhecimento e das técnicas humanas.”. Como já se sabe que ser idoso não é impedimento para aprender, pode-se concluir que as pessoas idosas foram e continuarão sendo sujeito ativo e participe direto desse processo de transmissão e construção do conhecimento geracional.

Como sujeitos que vivem na busca constantedo saber para melhor se qualificar para as demandas impostas pela sociedade, pode-se inferir que as pessoas idosas ao ter facilitado o seu acesso a novos conhecimentos, poderão mudar o rumo de suas vidas através do compartilhamento com a sociedade dos ensinamentos e aprendizados adquiridos ao longo de sua vivência. Talvez por compartilhar com esse pensamento, muitos autores, a exemplo de Kachar (2001, p.23), refletem que “É muito grande a transformação que no ocorre no idoso quando ele tem acesso ao saber”.

Como sujeitos potencialmente aprendentes, e pessoas naturalmente ensinantes, há um ganho no aprendizado tanto para aquele que ensina, sendo ou não idoso, quanto para a pessoa idosa que aprende. De acordo com Portilho (2003), para o que ensina, entender como o outro



aprende possibilita uma melhor transmissão de conhecimento. Para o que aprende, abrem-se um leque de oportunidades de reconstrução de suas vidas, proporcionado a partir da formação de novos vínculos, da renovação de sua capacidade de produzir e, principalmente, da aquisição novos conhecimentos que lhes permitam se atualizar e reorganizar-se para atender as demandas do mundo em constante evolução.

Ensinar e aprender são, portanto, elementos indispensáveis à sobrevivência de todos aqueles que um dia, inadiavelmente, haverão de envelhecer. Para as pessoas idosas, a tarefa é ainda mais relevante, pois pode representar um rejuvenescimento, na medida em que, ensinando e aprendendo, estas estão exercendo o seu direito natural de envelhecer dignamente e com acesso ao conhecimento.

Quando se refere à educação de pessoas idosas, cabe ressaltar a contribuição da Gerontologia, que tem a educação como integrante do seu campo de aplicação, reivindicando o status de área multi e interdisciplinar. Ao campo interdisciplinar da gerontologia educacional pertence a “discussão sobre quais devem ser o conteúdo e o formato da educação dirigida a idosos, assim como a maneira como deve ocorrer à formação de recursos humanos especializados para o cumprimento dessas finalidades.” (CACHIONI, 2003, p. 20).

Segundo Cachionni (2003), o termo gerontologia educacional foi usado pela primeira vez em 1970, na Universidade de Michigan, por David Peterson, em 1976, no contexto de um curso de doutorado em gerontologia, no qual a definiu como área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino a respeito de educação destinadas a pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento.

Para dar conta dessa educação, Cachionni (2003) defende que a formação de recursos humanos em gerontologia, incluindo a formação de professores de idosos, é de fundamental importância social, não só pelos benefícios que podem ocorrer para os idosos, mas também pelas mudanças culturais vigentes sobre a velhice, sobre as possibilidades de desenvolvimento nessa fase da vida e sobre o potencial cultural inerente a esse segmento da população. De acordo com a autora, é nesse contexto que a gerontologia educacional se encaixa, como “campo interdisciplinar que se desenvolve no rastro da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento” (p.27).

Nesse campo da gerontologia educacional estão inseridas as universidades abertas à terceira idade que tem se dedicado a tarefa de trabalhar com as pessoas idosas, oferecendo a estas um espaço para que possam se desenvolver e ampliar seu campo de conhecimento acerca das muitas questões que afetam suas vidas na atualidade, fato que para inspirou o questionamento que se faz neste tópico, sobre o que aprender e o que ensinar?

.Ao falar de ensinar e aprender ressalta-se pensamento de Novaes (1997:144) ao referir-se que “hoje não basta o conhecimento: de fundamental importância é o exercício da capacidade de pensar, imaginar e criar. É preciso ampliar o leque das habilidades a serem estimuladas e acentuar a satisfação e o prazer de aprender e criar”. Tal exercício pode-se inferir, é inerente a capacidade do homem de ensinar e aprender.

Na tarefa de ensinar e aprender a pessoas idosas deve-se ressaltar o papel das universidades abertas para a terceira idade do Brasil, espelhadas no modelo francês do professor Pierre Vellas, da Universidade de Toulouse, no início dos anos 70, cujos cursos foram planejados sob a influência das mudanças demográficas e comportamentais do mundo contemporâneo, norteando a preocupação em saber e considerar duas questões básicas (KACHAR, 2001):

- a) que representações estavam sendo criadas pelos idosos e idosas brasileiros a respeito dessa nova etapa da vida e como essas representações estavam sendo apropriadas, rearticuladas, redefinidas e vivenciadas por eles;
- b) que tipo de público tais cursos (criados inicialmente com a denominação de Universidade Aberta a Terceira Idade ou para a Terceira Idade) poderia mobilizar e em que medida a participação desse público nos diferentes cursos oferecidos poderia fazer com que ele viesse a rearticular suas concepções e o conjunto de práticas sobre o envelhecimento e a velhice (IDEM, p. 49).

Os cursos visavam proporcionar aos interessados amplas oportunidades de reciclagem e atualização cultural, orientações para uma vida saudável e diversas atividades socioeducativas e culturais, assim descritas pela autora:

- a) **Reciclagem e atualização cultural** - A ideia é sintonizar os alunos com o mundo contemporâneo, colocando-os a par de situações e dos problemas da atualidade, oportunizando-lhes conhecê-los e discuti-los com conhecimento de causa e segurança.
- b) **Orientações para uma vida saudável** - Objetiva ministrar aulas que ensinem os alunos a cuidarem da saúde física e mental, tarefa realizada por médicos, geriatras, nutricionistas, fonoaudiólogos e psicólogos, entre outros terapeutas

**c) Atividades socioeducativas e culturais** – Proporcionar aos alunos conhecimentos teóricos e práticas sobre artes plásticas, literatura, música, cinema, teatro, entre outros, visando estimular não apenas o conhecimento sobre tais campos, mas estimular sua própria criatividade e produção cultural, despertando capacidades e talentos talvez nunca antes percebidos por eles mesmos (IDEM).

Corroborando com o pensamento de Kachar (2001) há de se reconhecer que as Universidades Abertas representam um espaço para:

Reencontro ou descoberta de seu potencial, de se perceberem como seres humanos que deviam e podiam se valorizar como cidadãos ativos e participantes, recuperando sua autoestima, registrando sua autoimagem e mostrando aos seus familiares e à sociedade como um todo o capacidade de pensar e agir por si mesmos e, sobretudo, ir à luta pelos seus direitos e conquistas de novos objetivos e metas (IDEM, pp. 52).

A abertura do espaço social para o reencontro e a descoberta do potencial das pessoas idosas pode se converter em uma oportunidade para que estas possam se atualizar, revendo suas atitudes e comportamentos, ampliando seus laços de amizade e, principalmente, adquirindo novos conhecimentos que os permita consolidar a socialização conquistada nas últimas décadas, que vai de encontro ao processo de isolamento ao qual muitos foram e/ou ainda são submetidos, revendo assim o seu papel na sociedade contemporânea. No entendimento de Mercadante (2009, p. 19), tal abertura também é fundamental “para a atuação efetiva dos indivíduos que estão envelhecendo, respeitando e incentivando o desenvolvimento de suas capacidades de liderança, o exercício de suas autoridades legítimas e das responsabilidades”, dando assim o reconhecimento, o apoio e o encorajamento necessários para um envelhecimento e longevidade bem sucedidos.

Para Kachar (2003), a atualização faz parte de uma nova inserção social para as pessoas idosas, pois além de representar um grito de potência, mostra que estas são capazes de manterem-se ativos, não aceitando os estigmas de que ser idoso é ser resignado e não acompanhar mudanças.

Na medida em que as pessoas idosas são convidadas para participarem de um grupo social, abre-se um leque de oportunidades para que estas possam exercitar o seu direito a vida e a sua condição natural de conviver social e intelectualmente com as pessoas de todas as outras gerações, sem restrições quanto ao tempo de vida já vivido.

### 3 RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA: RELATOS E MUDANÇAS

Muitas são os gêneros textuais orais ou escritos que as pessoas têm a disposição para falar direta ou indiretamente sobre si, o mundo e as coisas. O memorial é um destes recursos que Oliveira (2005) define como um documento escrito dedicado à lembrança, a vivência e as memórias de alguém, cujo conteúdo traz um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista que, por esta razão, deve ser escrito com uso da primeira pessoa. Sendo assim, o memorial das pessoas idosas da UAMA representa um espaço para que estas relatem a história de suas vidas e as outras pessoas, incluindo-se aí os pesquisadores, possam conhecê-las e estudá-las com mais profundidade.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p.24), o gênero memorial é “o lugar privilegiado da transformação dos comportamentos; explorar suas possibilidades enriquecê-las, transformá-las são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à sua utilização”. O próprio nome, que remete à memória, denuncia o memorial como um espaço dedicado às reminiscências que se bem analisadas e compreendidas podem se transformar em um conteúdo histórico com grande potencial para a pesquisa científica, devido aos múltiplos fatores que envolvem a formação e evolução temporal do ser humano nele contido.

Bakhtin (1979) compreende o gênero memorial como formas de dizer sócio-historicamente cristalizadas, oriundas de necessidades produzidas em diferentes esferas da comunicação humana, que tem circulado socialmente como prática de ensino-aprendizagem. Diante desta visão, os memoriais escritos aqui analisados representam a culminância do curso de formação de idosos oferecido pela UAMA, cuja abordagem teórica teve como protagonistas de sua própria história as pessoas idosas.

Conforme Souza (2008), a narração escrita é uma forma de pensar e apropriar-se das experiências vivenciadas ao longo da vida para ressignificar conhecimentos e aprendizagens experimentadas. Sendo assim, além de permitir conhecer o passado das pessoas idosas, a leitura dos relatos trouxe à tona as mudanças têm afetado a maneira de pensar, agir e conviver destas na sociedade contemporânea, contribuindo para um processo de ressocialização que vai de encontro ao isolamento vivido por alguns desde um passado recente, abrindo espaços para a aquisição de novos conhecimentos que servem de base para a construção de um novo idoso no âmbito de uma nova sociedade.

Segundo Josso (2006), falar de si próprio abordando sua história de vida é fazer seu próprio autorretrato. Neste sentido, o memorial escrito de pessoas idosas deve ser compreendido como um canal de diálogo destas para consigo mesmas e, pela importância de seu conteúdo, como um documento histórico de vida que serve aos interesses da sociedade, que vem tentando entender e ratificar a importância das pessoas idosas para sua própria evolução e desenvolvimento.

Pesquisar sobre as histórias de vida das pessoas idosas nos memoriais da UAMA se traduz em um momento de aprendizagem mútua tanto para estas quanto para o pesquisador. Para estes últimos, a oportunidade de adquirir e/ou ampliar o seu conhecimento acerca do passado e presente das pessoas mais velhas, e para estas, um espaço para demonstrar a sua capacidade de ensinar enquanto aprende, e aprender enquanto ensina, utilizando essa experiência para dar um novo significado as suas vidas.

Bobbio (1997, p. 38), disse certa vez que: “Ainda mais indizível é aquilo que vem depois. Mas o que vem depois? Estamos realmente certos de que vai acontecer algo que mereça ser contado e que um dia alguém contará?”. Tais indagações costumam permear o imaginário de todo pesquisador que comumente se vê diante do desafio de buscar respostas para algo que muitas vezes perpassa o seu conhecimento e a sua consciência, principalmente quando essa busca refere-se a um campo de estudo pouco explorado pelos estudiosos, como é o do universo das pessoas idosas, cujas histórias já são por si só, permeadas por descobertas inspiradoras, especialmente as que frequentam a UAMA, que devido ao isolamento social a que vivem submetidas, muitas vezes não tinham como compartilhá-las com os outros.

Sobre tais histórias, Camargo *apud* Alberti (2005, p. 173) afirma que:

Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto, etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não? – ao denominador comum à espécie humana.

Neste sentido, Alberti enfatiza que “tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais

abrangentes - por que não? - ao denominador comum a espécie humana”. A análise dos relatos a seguir leva em consideração os conceitos acima, procurando enfatizar as experiências de vida anteriores das pessoas idosas, a fim de demonstrar que o desenvolvimento adquirido a partir dos ensinamentos, aprendizagens e interações, vai além da aprendizagem obtida no espaço educativo.

Um exemplo de acontecimento e de experiência de vida é o da idosa ECF, que revela no trecho a seguir que: “*quando criança* fui uma criança triste, nunca tive brinquedos, não desfrutei de passeios e muito menos de outros entretenimentos normais as crianças daquela idade.”. Esse depoimento mostra que a idosa utilizou o aprendizado com as adversidades e os contrastes para superar os desafios do cotidiano, pois tendo que enfrentar essa realidade ela afirma que após perder a mãe, quando tinha apenas 19 anos, teve que trabalhar como empregada doméstica para conseguir o sustento da família, coisa que, segundo ela, seu pai não dava muita importância. E foi trabalhando e estudando que ela afirma que conseguiu concluir o ensino médio.

Ao longo de seu relato, ECF ressaltou as experiências que vivenciou e as etapas que precisou percorrer até chegar à fase adulta e conquistar a maturidade com pleno êxito, pois como ela própria confessa: “Aos 27 anos casei e logo vieram os filhos, desde então tive que abrir mão dos planos que tinha para mim e acabei me dedicando ao meu marido, aos filhos e aos afazeres da casa.”. Só agora, depois dos 60 anos, ECF resalta que começou a desfrutar das maravilhas da vida, pois faz parte do Coral Paraibano, que pertence à paróquia de Nossa Senhora de Perpétuo do Socorro, frequento a faculdade “UAMA”, faço também ginástica e caminhada.

Sobre a UAMA, ECF afirma que “A faculdade me proporcionou conhecer lugares que não mais imaginava conhecer como Recife e João Pessoa, foram passeios divertidos e inesquecíveis, tive também a oportunidade de conhecer o Garden Hotel através de um congresso promovido pela mesma faculdade.”. A oportunidade desfrutada por ECF está prevista nas justificativas da UAMA/UEPB, que resalta a possibilidade de se ampliar as oportunidades para a aquisição do conhecimento e socialização dos idosos, bem como no pensamento de Oliveira (1999) de que a educação deve ser entendida como uma prática social ligada historicamente a uma realidade total que, dependendo do projeto de homem e de sociedade que se deseja construir, pode ser trabalhada dentro de uma perspectiva que vise alienar ou libertar os seres nela envolvidos, transformando assim em um instrumento eficaz na criação do tipo de homem e de sociedade idealizada.

O relato acima reflete o ideário de Oliveira, tendo em vista os reflexos da mudança de postura das pessoas idosas frente à sociedade contemporânea que por meio das oportunidades

geradas pela mudança de pensamento e comportamento em relação a estas, vem buscando garantir mais espaço e participação para que possa exercer o seu papel de ser vivente e capaz de dar a sua contribuição para o progresso humano e social com altivez e dignidade.

Voltar a estudar representou para as pessoas idosas uma oportunidade que vai além da tarefa escolar de aprender, permitindo a estas redescobrirem a si e ao mundo a partir da apropriação de conteúdos antes inimagináveis, do contato com pessoas antes desconhecidas, das viagens a lugares desejáveis, e o que é mais importante: do reconhecimento do seu papel frente à nova sociedade, que abriu as portas para que as pessoas idosas pudessem se apropriar do conhecimento a que tem direito e, a partir dele, tomasse posse de todos os recursos capazes de dar novo significado às suas vidas.

Em outra história, a idosa LS, nascida no ano de 1949, na cidade de Sumé, no cariri paraibano, faz um relato de sua vivência e aprendizado e assim como os(as) idoso(as) anteriores, conta que apesar de ter tido uma infância difícil, vivia muito feliz em um ambiente de amor e paz ao lado de seus pais e irmãos mais novos. Ainda na infância, a idosa afirma que motivos financeiros a família se mudou para Campina Grande, onde ela deu prosseguimento aos estudos. Aos 14 anos começou a trabalhar na área de enfermagem, para a qual fez um curso técnico que posteriormente lhe permitiu prestar serviço em hospitais e consultórios médicos particulares de diversas especialidades.

Assim como na infância, LS afirma que enfrentou inúmeras adversidades na adolescência e na fase adulta, a partir do instante que decidiu casar com aquele que foi o seu grande amor e ao mesmo tempo carrasco, devido aos momentos de desgosto por ele causado no decorrer do relacionamento no conjugal. No entanto, LS afirma que por meio do trabalho e da fé em Deus foi superando as dificuldades para cuidar de si e dos filhos, o que contribuiu para que hoje se sentisse realizada, a ponto de afirmar que “As alegrias superaram as tristezas para mim”.

LS ressalta a importância da proposta da UAMA/UEPB, por considerá-la uma política de inclusão social que possibilita as pessoas idosas aprofundar seus conhecimentos em áreas de seu interesse, bem como trocar informações e experiências com os mais jovens, fato que comprova que o acesso às universidades abertas também acaba proporcionando um reencontro intergeracional, posto que, além do contato inevitável com o público mais jovem que frequenta a universidade, incluindo-se aí os próprios professores, em alguns momentos estas vão precisar

recorrer à ajuda de filhos, sobrinhos, netos e outras pessoas mais jovens para tirar dúvidas e/ou auxiliá-los na realização de alguma atividade inerente ao curso.

Segundo Mendes (2012), na convivência entre diferentes gerações sobrevém à relevância da relação com o social, do qual a envelhescência é partícipe. “Daí a importância da convivência com pessoas de diferentes gerações para interlocuções que podem fluir no contexto sociocultural.”. Para a autora:

Cada pedaço de lembrança, tecido entre memórias e costurado entre presenças, vai mostrando, a exemplo de um mosaico multicolor ou de uma colcha de retalhos que cada um desses tem uma história que deseja ser contada, sentida, intuída pela imaginação. Daí o “valor inestimável” das fotos, músicas, perfumes, gostos que os sentidos captam, mas só os sentimentos traduzem (IDEM, p. 160).

LS relata que chegou à UAMA por intermédio de uma vizinha que acabou desistindo do curso. Após passar no processo de seleção, ingressou no programa juntamente com uma amiga de infância, com a qual pretende concluir o curso. Segundo a idosa, o início, em 2011, foi cheio de novidades, tendo esta logo se familiarizado com a proposta do curso, cujas disciplinas abordavam sempre a temática do idoso, “desde as questões mais básicas, como a manutenção da saúde do idoso, até as aulas de informática, ponto muito novo para todos nós.” Conforme demonstra LS, a experiência vivenciada no decorrer de todo o curso foi além do aprendizado na sala de aula, já que: “Laços de amizade foram sendo atados, fomos cúmplices de momentos de muita alegria e também de algumas tristezas, como perdas de parentes de nossos colegas, no entanto a força de vontade da grande maioria foi o que possibilitou chegarmos a este ponto, quase o ponto final.”

“Seguindo em seu relato, LS reforça o pensamento do(as) colegas de curso na UAMA, enaltecendo que:” É uma oportunidade especial fazer parte deste grupo, pois as realidades de alunos professores se identificam e, muitas vezes, se igualam. Cada pessoa envolvida tem muito sobre o que contar, e muito conhecimento e experiência para compartilhar com o próximo.”

LS afirma que aprendeu com a UAMA que para se ter uma velhice de qualidade é muito simples: “Basta não ficar parado no tempo, procurar fazer atividades físicas, ter ocupação, seja qual for não deixar a mente parada, ser social, tendo muitas amizades, como é o meu caso, e levar tudo na brincadeira e na descontração”. No entendimento de Kachar (2001), Mercadante (2009), Mendes (2012) e outros autores, a educação é uma das maneiras de se enfrentar o processo de envelhecimento e/ou a velhice com sabedoria.



Em suas considerações finais, LS ressalta que “Muitos escritores falam sobre a velhice, dando a ela nomes novos, como melhor idade, maturidade ou terceira idade”. No entanto, para ela a velhice “é a fase da reflexão do que foi, mas também do aprendizado do que é e do que virá”. Tais afirmações se traduzem em um exemplo claro do olhar altivo que permeia o ideário de boa parte dos idosos contemporâneos, em especial daqueles que participam dos chamados grupos de convivência, como é o caso de LS e os outros que fazem parte da UAMA, cujas histórias de vida demonstram que suas carreiras foram construídas com base no aprendizado adquirido e na experiência conquistada passo a passo em cada fase da vida.

Outro exemplo de superação e conquista na maturidade foi o de ZBG, que nasceu no dia 02 de junho, no sítio Boqueirão, em Bananeiras – PB, e acabou vindo morar em Campina Grande, para onde seu pai havia se mudado em busca de melhores condições para manter a família, tendo de imediato conseguido vaga para ensinar nos colégios Pio XI, Alfredo Dantas e Imaculada Conceição, como professor de matemática.

Quando estava com 07 anos, ZBG retornou a Bananeiras para morar com seu avô, tendo lá permanecido durante 02 anos, onde fez a 1ª comunhão no Colégio das Doróteas, sentindo-se a pessoa mais feliz do mundo por desfrutar de uma vida de muita fartura e harmonia. Apesar disso, resolveu voltar para a casa dos pais, em Campina Grande, oportunidade em que iniciou seus estudos no Grupo Sólon de Lucena, onde fez o jardim e o 1º ano primário. Posteriormente, foi estudar no Colégio Alfredo Dantas, onde fez o exame de admissão para ingressar no 1º ano ginásial no Colégio das Damas, onde concluiu esta fase sem jamais ter sido reprovada.

Segundo ZBG, “Com a Universidade Aberta à Maturidade – UAMA, eu passei por vários aprendizados, como cidadania, direitos ao idoso, saúde, dentre outros, o que só veio acrescentar à minha vida”. Esse relato confirma o pensamento de autores como Kachar (2001), Mercadante (2009) e Todaro (2008), de que cada indivíduo adquire o seu aprendizado a partir das experiências das quais, direta ou indiretamente, participa, que se renovam cotidianamente à medida que este, de forma ativa e permanente, interage com o grupo social ao qual pertence.

Como se percebe nos relatos acima, a educação vai além da tarefa de simplesmente escolarizar. Ela deve propiciar o acesso ao exercício intelectual, visando à construção de novos saberes nas mais diversas áreas do conhecimento, oportunizando especialmente as pessoas idosas uma educação tecnológica que as permita participar das mudanças e inovações resultantes do processo de globalização. Em outras palavras, “... não basta o conhecimento: de fundamental

importância é o exercício da capacidade de pensar, imaginar e criar. É preciso ampliar o leque das habilidades a serem estimuladas e acentuar a satisfação e o prazer de aprender e criar” (NOVAES, 1997, p. 144).

Ao contrário de ZGB, a aluna HCL relata que teve uma infância feliz, brincava de boneca, fazia cozinheiro e, aos domingos, junto às comadres, as batizava; assim como, ia aos outros sítios da vizinhança, visitar os padrinhos. Na adolescência, HCL deixa claro que sofria restrições, “Minha mãe não deixava ir sozinha para as festas, porque não queria eu dançando com nenhum homem, então ela me acompanhava nas festas do padroeiro de Lagoa Seca”. Apesar disso, ela confessa que costumava, de forma discreta, arranjar um jeito de namorar com os rapazes à distância, pois “Naquela época não existia nem beijos e nem abraços e quem fizesse isso era tachada de mulher da vida”. Mesmo assim, HCL admite: “Arranjei um namorado numa brincadeira de passar anel, mas minha mãe não aceitou, pois ele era de cor morena, saía de casa e ia namorar com ele escondido.”.

Passado algum tempo, mais precisamente no ano de 1963, HCL casou-se com Severino Pereira de Lucena, com quem teve quatro filhos, desde que decidiram morar em Campina Grande, no bairro do Monte Santo. Após a morte do seu marido, em 1986, que a deixou muito abalada, a aluna conta que foi morar em Fortaleza, a convite do irmão. Chegando lá, ela afirma que passou por uma fase muito difícil, pois acabou perdendo a mãe e em seguida um filho, fatos que a fez após seis anos retornar para Campina Grande, onde permanece até hoje.

O sofrimento vivido na fase adulta não impediu que HCL se reconhecesse atualmente como uma pessoa muito ativa, fato comprovado através de seu memorial, no qual ela declara: “Fiz diversos cursos como: pintura, artesanato em flores, doces e salgados e esse da UAMA, que eu adorei e já estou sentindo pena, porque vai acabar.”. Diante de todo aprendizado, HCL finaliza: “Tenho 77 anos, mas me sinto com a energia de uma pessoa de 20, e parte disso agradeço a UAMA; estou só no começo, e ainda tenho muito para fazer. O futuro me aguarde...”.

As experiências e conhecimentos adquiridos são vistos por Novaes (1997), como um resgate de valores e modos de viver ainda não assumidos, como: rompimento de rotinas; retomada dos planos de vida incompletos; de desejos pessoais; o retorno às emoções e sentimentos e a reconstrução da identidade pessoal e social com base em novos interesses e motivações.

MFA teve a sua história de vida bastante ligada à zona rural, onde dividia o seu tempo entre muitas brincadeiras e passatempos com as responsabilidades designadas pelos pais. Nascida na cidade de Serra Branca –PB, em uma fazenda denominada de Franca, onde morou até os 8

anos de idade, era a única mulher e a mais nova dentre 8 filhos da segunda família de seu pai, que tinha mais 7 filhos do primeiro casamento.

Da infância, MFA lembra que enquanto seus irmãos trabalhavam na lavoura e na criação de animais, ela, por ser mulher, ajudava a sua mãe nos afazeres domésticos, situação bastante comum entre as mulheres daquela época. A idosa revela que brincava sozinha de boneca, porque “...meu pai não admitia que meus irmãos, por serem todos homens, brincassem comigo e como a fazenda era afastada da cidade raramente tinha companhia de alguma menina nas brincadeiras”. Além disso, lembra da época da colheita do feijão, em que após o processo de secagem e armazenagem, as crianças recebiam a ordem de seu pai, que era administrador da fazenda, para catar o produto.

Apesar de alguns episódios tristes, MFA relata que viveu momentos de muita felicidade junto aos sobrinhos, com os quais brincava e fazia algumas travessuras, e também quando ia com seus pais fazer compras em Serra Branca. Com relação à vida escolar, afirma que ela e seus irmãos estudavam na própria fazenda, de onde saíram para estudar em uma escola particular de Serra Branca, onde cursou até a 4ª série primária e aprendeu a ler e escrever. Desse tempo, a idosa relata com alegria os momentos de diversão que desfrutou com as amigas de escola “...havia diversão, e brincadeiras como esconde-esconde, roda, toca, a brincadeira do anel, as festas na praça, as missas, os pavilhões com muita comida, as quermesse onde havia os bingos para arremate de galinha, ovos carneiros, etc.”.

Após mudar para Campina Grande, cidade maior, pessoas diferentes, MFA afirma que foi logo estudar. Mas por ser a única mulher e admitir que o machismo imperava naquela época, revela: “...a cúpula masculina existente em minha casa achou melhor me tirar do colégio e me matricular em um curso de corte e costura e prendas domésticas, sob o argumento que mulher era para aprender a tomar conta de casa e fazer as roupas para o marido e filhos.”

Em Campina Grande, MFA relata que se casou com o senhor Severino, de 39 anos, com quem teve 10 filhos, sendo 04 homens e 06 mulheres, todos, segundo ela, criados com muita dignidade, ela costurando e o marido trabalhando na lavoura. “Tentamos mostrar o lado certo da vida, ensinando a diferença entre o certo e o errado, mostrando que a simplicidade, a honestidade e a educação são bens adquiridos independentemente de classe social”. Segundo MFA, para ser aquilo que desejavam, bastava que seus filhos tivessem uma vida de retidão, “respeitando as diferenças e sabendo que a dignidade é quem faz o homem. Todos os nossos filhos estudaram,

alguns cursaram faculdade e outros não, porém todos fizeram suas vidas e construíram suas famílias dentro daquilo que ensinamos e acreditamos.”

Apesar das dificuldades e dos problemas de saúde que teve de enfrentar, MFA confessa que sentia vontade de voltar a estudar, embora achasse isso impossível de acontecer, devido ao longo tempo em que se encontrava parada. Foi aí que soube da UAMA e se interessou, afirmando que foi a melhor coisa que fez após a chegada da terceira idade. Para MFA, a experiência é única: “As aulas, os passeios, as palestras, as brincadeiras, as amizades, os professores, toda a equipe de apoio, tudo foi perfeito. Só tenho a agradecer a oportunidade, a paciência e a dedicação de todos a mim dispensada.”.

A participação das pessoas idosas nas inúmeras atividades geradas a partir das oportunidades educacionais reflete o pensamento de Neri (1995) e Cachionni (2003), que veem nessas oportunidades ganhos evolutivos que contribuem para a ampliação dos contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal das pessoas idosas, permitindo que estas possam exercitar o seu potencial frente às novas demandas sociais.

JFB, terceira de 06 irmãos, filhos do casal João Evangelista Barbosa e Maria Leite Barbosa, nasceu em Macau, Rio Grande do Norte, cidade que ela própria reconhece: “...não se tinha muita opção de lazer, a não ser a praia que eu odiava pois tinha medo de me afogar, e também detestava participar do pastoril nos fins de ano.”

Criada pela babá, de nome Maria Augusta, com a qual aprendeu tudo que sabe hoje, JFB conta que conviveu muito pouco com as irmãs na infância, mas que sempre se amaram muito. Iniciou seus estudos em uma escola particular, à época era baseado na carta do ABC e depois na cartilha, e aos 10 anos foi para um grupo escolar, onde cursou até o 3º ano primário com a dona Terezinha, professora considerada meiga e delicada.

JFB confessa que teve uma infância difícil, mas tinha o seu lado bom: “...eram as brincadeiras normais de infância, tais como: pular corda, brincadeira do anel, de roda e amarelinha.” Apesar de muito tímida na escola, ela conta que adorava brincar de boneca e que tinha uma panelinha para brincar de cozinhar. Segundo ela: “Tinha muitas coisas materiais e muito pouco amor”. Apesar de tudo, JFB admite: “me tornei uma pessoa muito feliz, sorridente e amável com as pessoas e me considero muito humana.”.

JFB afirma que chegou a UAMA através de uma professora da UEPB, a qual considera como filha, e que fez a sua matrícula. Na instituição, ela afirma que fez novas amizades, adquiriu

conhecimentos para se ter uma qualidade de vida melhor, viajou a lugares turísticos de João Pessoa, Recife e Olinda, tendo nesta última descido suas ladeiras, assistido os violeiros na praça, conhecido o museu Brennand, o museu de bonecos, e as igrejas.

Segundo JFB, através da UAMA ela está aprendendo que para se ter uma velhice de qualidade “Basta não ficar parado no tempo, procurar fazer atividades físicas, ter uma ocupação seja qual for, não deixar a mente parada, ser social, tendo muitas amizades, como é o meu caso, e levar tudo na brincadeira e na descontração.”

Seguindo o conteúdo dos relatos anteriores, permeado pelas adversidades e as evidências do aprendizado adquirido através das experiências vivenciadas no cotidiano, MFAC revela que na infância participou pouco dos assuntos de família: “Eu e meus irmãos não podíamos fazer parte das conversas familiares, que eram sempre consideradas “conversas de adultos”, eram recriminados e não falávamos nada. Só bastava minha mãe olhar que nós ficávamos quietinhos, sem dar um piu.”. O exemplo de MFAC se encaixa no pensamento de Freire (2005), de que quando o idoso percebe-se como ator de sua vida, conquista um espaço mais respeitado no cenário familiar e social. Pois, “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor.” (p. 58-59).

MFAC iniciou sua carreira escolar entre 7 e 8 anos de idade em uma escola próxima de casa, onde relembra que a professora, considerada uma pessoa mal humorada, residia. As marcas do autoritarismo, que servia de base para o ensino repressor da época, estavam presentes em suas aulas, nas quais “Ela fazia nas sextas-feiras uma sabatina onde todos os alunos participavam, a criança que errasse a tabuada levava um “bolo” com a palmatória.”

A palmatória é uma espécie de castigo físico bastante utilizado nas crianças até meados do século passado. Segundo Del Priore (2006), o castigo físico em crianças, introduzido no país pelos padres jesuítas durante a colonização, era visto como uma forma de amor de pai que devia “inspirar-se naquele divino no qual Deus ensinava que amar é castigar e dar trabalhos nesta vida. Vícios e pecados, mesmo cometidos por pequeninos, deviam ser combatidos com ‘açóites e castigos” (IDEM, p. 96-97).

Da escola acima citada, MFAC foi estudar em grupo escolar e, em seguida, em uma escola particular, onde concluiu o primário. Já na juventude, relata que fez o teste de admissão para o Colégio Estadual da Prata, bastante conceituado a época, nele estudando inicialmente pela

manhã, e depois se transferindo para o turno da noite, a fim de trabalhar e poder ajudar com o sustento da família. Segundo MFAC, apesar das dificuldades de ter que trabalhar e estudar, “Foi uma época, de certa forma, de sonhos de juventude que foi passando e deixando lembranças boas, que hoje chego a lembrar com saudade das festas nas casas do vizinho, que chamávamos de “assustado”, tinha dança, lanche, conversas e tudo mais.”.

Já na fase adulta, MFAC confessa que apesar da vida de casada não ter sido conto de fadas, fato comum entre algumas de suas colegas de curso, teve três filhos que juntos a outro de coração são tudo para ela. Bastante preocupada com a saúde, e também com os maus tratos aos animais, MFAC reclama que “Deveriam dar assistência as ONGs, disponibilizando médicos veterinários, pelo menos uma vez por semana nos postos de saúde dos bairros para tentar amenizar o sofrimento desses seres indefesos.”

Atualmente com 62 anos de idade, e fazendo parte da UAMA, onde enfatiza que adquiriu bastante conhecimento, MFAC se sente feliz em ver que com tão pouco tempo de convívio com as amigas de curso conseguiu esquecer os problemas familiares que tanto lhe estressavam. “Visitei lugares que antes nem imaginava existir, só em sair de casa, passear, ver minhas amigas, ver o mar, visitar igrejas, museus, eu me renovo e adquiro ânimo para seguir em frente”. Para ela, essas experiências representam uma oportunidade para que possa pensar sobre como dar continuidade a sua participação nos grupos de convivência. “Viajamos para João Pessoa, Areia, Recife, Olinda, participamos de confraternizações na UAMA e em casas de colegas, participamos também de diversas palestras sobre assuntos interessantes e sempre variados”.

A possibilidade de voltar ao convívio social e poder desfrutar de momentos antes inimagináveis representa uma oportunidade que as pessoas idosas têm de romper com o isolamento e se reinserir socialmente. Segundo Motta, *apud* Peixoto (2004, p. 118): “O reencontro e a solidariedade geracionais são grandes e bons momentos iniciais na trajetória do idoso em busca da redefinição de um lugar social, mas deverão ser também base e fortalecimento para a busca – que deveria ser da sociedade inteira – da convivência, privada e pública, com as outras gerações”.

Segundo MFAC, a interação do grupo da UAMA contribuiu para o sucesso do 3º Congresso de Envelhecimento, realizado pela UEPB: “Fiquei emocionada, maravilhada com tanta coisa nova, diferente que presenciei.”. No evento ela afirma, ainda, que participou como monitora e recepcionista, tendo ficado encantada com o trabalho, com as palestras. “Talvez não

consiga expressar em palavras tudo o que vi, senti e aprendi durante esses dias.” Ao término do curso, agradece aos professores pela paciência, dedicação e carinho, “Hoje estou terminando o curso e aguardando mais uma oportunidade de crescimento e conhecimento, sempre disposta a novos horizontes”.

MSAX, diferentemente das outras pessoas idosas, faz inicialmente um relato da infância saudável e feliz que teve. A mais velha entre onze irmãos, sendo oito mulheres e três homens, ela afirma que teve uma vida normal para as crianças da época, onde era de costume ajudar nas tarefas domésticas, na plantação de feijão, milho etc., e também brincar, no seu caso, juntamente com as irmãs, de pique esconde, roda, jogo de carretel, anel, casinha, além de subir em árvores e fazer balanços.

No início de sua vida escolar, aos 7 anos de idade, sem a mínima noção do que seria a escola e sem saber o alfabeto e nem conhecer as letras, MSAX afirma que apanhava muito de palmatória da professora, quando esta lhe perguntava algo que não sabia responder, “Apanhei tanto que inchou minhas as mãos e até urinei na sala de aula e ela falou que ia fazer eu beber o xixi, então saí correndo e consegui fugir, cheguei em casa chorando e muito assustada”. A atitude da professora resultou em um trauma marcado pelo medo e a vontade de desistir de ir à escola que perdurou durante certo tempo, até quando seu pai, preocupado com a situação, conseguiu uma professora para dar aulas em casa. Inicialmente, MSAX afirma que não conseguia dormir e chorava a noite inteira, a escola havia se transformado em um terror na sua mente, “Eu não me aproximava da professora, quando qualquer movimento ela fazia, quando segurava a régua eu saía correndo com medo, olhava para as letras, minha preocupação era a professora, quase não saía da tal “cartilha do povo””.

Tudo foi superado quando a sua mãe conversou com a nova professora o contou-lhe o que havia acontecido. “A partir daí, minha mestra chegava uma hora antes do horário para conversar comigo, e com sabedoria, acabou com o trauma que eu tinha e tornou-se minha amiga”. Passada essa fase, MSAX conta que foi estudar na cidade de Esperança, onde fez o terceiro ano primário no Grupo Escolar Irineu Joffily, e o quarto ano e admissão no Ginásio Diocesano, época a partir da qual decidiu parar de estudar.

Da adolescência, MSAX relembra da alegria na casa de seus pais e do cuidado e o pouco de conforto que estes, apesar de pobres, dedicavam aos filhos. “Não tínhamos luz elétrica, mas sim de catavento”. Também tínhamos rádio, que era difícil na época, nossos vizinhos e familiares

quase todas as noites iam à nossa casa para assistir o programa “Forró de Zé Lagoa”. Além deste, ela acrescenta que aos sábados, às oito horas da manhã, costumavam ouvir as cantorias de José Gonçalves e Patativa. “Tinha também uma novela que passava uma vez por semana “Os Miseráveis”. Na Semana Santa, MSAX afirma que a casa ficava cheia de muita gente que para lá ia assistir a Paixão de Cristo.

De tradição católica, MSAX recorda que durante as trinta noites do mês de maio seus pais faziam novenas, sendo a última noite uma festa de casa lotada. Segundo ela, no decorrer do mês de maio não se jogava fora as flores, que eram colocadas diretamente no altar, e em seguida expostas ao sol para na última noite ser queimada em uma grande fogueira. “As jovens rodeavam a fogueira com lindas lanternas coloridas, cada uma que fizesse a sua mais desenhada, e assim aconteciam todos os anos”.

Na fase adulta, MSAX cita como fato mais marcante o seu casamento aos 19 anos com um rapaz que a havia queimado com fogos de artifício quando tinha 14 anos. Do casamento que durou 47 anos, já que o seu marido faleceu, nasceram quatro filhos, sendo 03 homens e 01 mulher. MSAX afirma que após a morte de seu marido ficou morando sozinha, mas a noite seu neto, que será seu padrinho na formatura, a faz companhia. Segundo ela, há pouco tempo seu neto afirmou para um amigo que era uma vergonha, para ambos, a sua avó está fazendo faculdade, enquanto tinham parado de estudar. “E para surpresa minha fiquei sabendo pela minha filha que o meu neto irá prestar vestibular este ano, olha só o meu exemplo dando frutos.”.

Único homem entre as pessoas idosas aqui relatadas, GMF, nascido na cidade de Patos – PB, no ano de 1932, iniciou a história de sua vida falando de seus pais e da residência onde morava, considerada ponto de encontro da família. No mesmo texto, o idoso faz um breve histórico sobre a vida de seus pais e avós, ressaltando o cuidado exemplar e o carinho que estes dedicavam aos filhos, além de as suas qualidades pessoais e profissionais. Em seguida GMF fala sobre alguns personagens do passado e do presente da cidade de Patos, assim como de lugares e instituições que contribuíram e/ou contribuem para o progresso da cidade.

GMF afirma que aprendeu o bê-á-bá em 1940, com a professora dona Cristina Augusta, do tempo da palmatória, recurso que usava sempre aos sábados quando “realizava uma sabatina com todos os alunos, para uma recapitulação das aulas ministradas no decorrer da semana, objetivando assim fazer uma avaliação do aprendizado e conseqüentemente do aproveitamento de cada aluno.”. Preocupada o asseio dos alunos, GMF afirma que a professora estimulava o acesso



de seus alunos a sala de aula com roupas limpas e bem cuidadas, caso contrário requisitava um aluno humilde da classe para mostrá-lo como bom exemplo para os outros.

Prosseguindo o seu relato, GMF afirma que foi morar na cidade de Pombal, para onde seu pai havia se mudado, e lá concluiu o estudo primário e de admissão na escola Sete de Setembro, retornando em seguida, já com 14 anos, para Patos, onde deu continuidade aos estudos no conceituado Ginásio Diocesano. Aos 15 anos, o idoso revela que teve de parar de estudar para assumir um emprego na empresa multinacional SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, onde foi admitido em 01/08/1947, como auxiliar de escritório, sendo promovido em 1951 a chefe de escritório. Em 1981, após 33 anos de empresa, se desligou da SANBRA para assumir um novo emprego na Industrial Ouro Branco, empresa do grupo Hering.

Voltando no tempo, GMF relembra da época em que prestou o serviço militar, em 27 de novembro de 1951, no Tiro de Guerra nº 152, juntamente com outros 40 amigos. Dessa época, destaca ainda as lembranças das missões de Frei Damião, que considerava um fenômeno de comunicação de massa, e as madrugadas em Patos, apontadas como um espetáculo de religiosidade fascinante. Outra lembrança que GMF considera a maior conquista de sua vida foi o seu casamento, aos 24 anos, com Maria da Penha Gomes, de 21 anos, realizado em cerimônia simples na Catedral de Nossa da Guia, no dia 28 de janeiro de 1956, do qual nasceram sete filhos, dos quais dois morreram, e o restante seguiu suas vidas normalmente.

Segundo GMF, O retorno à sala de aula, juntamente com a sua esposa, se deu através da UAMA, em 2011, “Por uma iniciativa da nossa neta Marcella, que prontamente acolhemos e consideramos uma providencial decisão.”. Para o idoso, o programa desenvolvido pela UAMA é uma proposta de inclusão social que possibilita ao idoso aprofundar conhecimentos, trocar informações e experiências com os mais jovens. Por esta razão, ressalta: “A UAMA tem nos proporcionado muita alegria, graças ao saudável convívio com os professores e a boa relação que mantemos com os colegas.”.

De acordo com GMF (2015, p. 41-42):

O que estamos fazendo agora ao estudar na UAMA pode ser comparado ao retiro feita pela águia, que ao atingir a maturidade e reconhecer que as garras e bico estão mais afiados, faz um enorme esforço para renovar-se, retirando todas as pernas e unhas com o bico e depois quebrando-os nas pedras. Após algum tempo de isolamento, volta ao convívio da espécie com pernas novas, bico novo e garras afiadas. Nós estamos na UAMA para renovar nossas mentes e mudar nosso estilo de vida, saindo de uma situação de sedentarismo e conforto. Nada,

no entanto, nos dá mais alegria de que a relação na sala de aula com os colegas e professores.

A partir do ensino proporcionado através do conjunto das disciplinas ministradas na UAMA, como: Qualidade de Vida e Envelhecimento Ativo, Filosofia da Grécia, Biologia do Envelhecimento, Conhecimentos Gerais da Atualidade História da Paraíba Educação Física e Saúde na Terceira Idade, Fisioterapia em Gerontogeriatrics, Lazer e Turismo na Terceira Idade, Saúde Bucal na Terceira Idade, Arte e Cultura, Direito do Idoso, Nutrição na Terceira Idade, Linguagem e Produção de Texto, Introdução a Informática, Educação Patrimonial, Psicologia do Envelhecimento, Educação e Meio Ambiente, e Enfermagem, GMF referiu-se separadamente ao conhecimento proporcionado por cada uma no decorrer do curso, discorrendo sobre os aspectos considerados mais relevantes do aprendizado adquirido a cada aula, fato que contribuiu para reforçar a importância da atitude dos seus demais colegas acerca da velhice e reforça as palavras de Tedesco (2002), de que aprender através dos bancos escolares é um direito do idoso para consigo e com a sociedade do conhecimento, pois não há exclusão maior que a exclusão do conhecimento, desde sempre na história humana.

Diante do exposto, GMF aconselha as pessoas idosas:

Vencer o comodismo e a passividade por conta da chegada da aposentadoria. Manter-se uma pessoa ativa política e socialmente, cultivar as relações humanas, amizades, amores e família. Fazer o que dar prazer, ter amigos, fazer algo voluntário pelas pessoas, se reinventar, resgatar planos, continuar aprendendo, enfim, não ficar preso ao passado e às perdas, não olhar para as limitações e sim para além delas e ver a possibilidade de fazer grandes realizações (GMF, 2015, p. 51).

Tendo como base os aconselhamentos acima, GMF encerrou seu relato destacando a importância da convivência na UAMA e a sua participação, como monitor, no III CIEH, ressaltando que “O referido evento expressou o mais elevado padrão científico, tecnológico e social da área de desenvolvimento humano.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo acerca das mudanças de vida no cotidiano de pessoas idosas da UAMA, constatou-se as estimativas que apontam para o aumento na expectativa de vida da população brasileira, motivado em grande parte pela redução da natalidade, a evolução tecnológica e a pesquisa em medicina, fato que tem levado muitos pesquisadores a procurar cada vez mais compreender o impacto que este fenômeno terá na vida das pessoas idosas, a exemplo do que ocorreu com esta pesquisa, intitulada “Memorial escrito e relatos de aprendizagens de pessoas idosas: ressignificação da vida cotidiana”, onde se procurou discutir as mudanças ocorridas na vida pessoal e nos afazeres sociais cotidianos das pessoas idosas que vivenciam o seu aprendizado com as disciplinas estudadas na UAMA e as atividades vivenciadas no decorrer do curso.

O estudo partiu de uma abordagem acerca dos idosos na sociedade contemporânea, na qual ficou demonstrado que a concepção de idoso doente, inútil e improdutivo, que prevaleceu durante décadas no seio da sociedade, vem sendo substituída por outra baseada em um modelo de idoso mais participativo e respeitado no contexto da chamada “sociedade do conhecimento”. Modelo este que, pelo menos na teoria, não compactua mais com o processo de exclusão ao qual foram submetidas às pessoas idosas durante décadas.

Como reflexo dessa abertura, as pessoas idosas passaram a desfrutar do acesso a espaços aos quais antes eram impedidas de frequentar, entre eles a universidade, que como a maioria das instituições sociais, até bem pouco tempo atrás, apesar do potencial que possuía para intervir nesta problemática, também não dava a estas a atenção merecida. Entre estas pessoas, incluem-se as pessoas idosas da UAMA, que relatam terem sido convidadas por amigos e, logo aceitaram o convite, para sair do isolamento em que viviam e investir em um modelo novo de vida, condizente com os padrões da sociedade atual, que apontam para uma convivência menos excludente, mais inclusiva e harmônica, entre todos os segmentos sociais.

Teorizando-se acerca do que as pessoas idosas têm para ensinar e o que elas podem aprender, partindo-se das abordagens de autores como Neri (1995), Freire (1979), Kachar (2001), Vygotsky (1998), Todaro (2009), Campos (1983), Portilho (2003), Cacionni (2009), constatou-se que ensino e a aprendizagem caminham em direção ao conhecimento, e que as pessoas idosas ao tempo que aprendem com os novos conhecimentos adquiridos e/ou as experiências

compartilhadas no presente, também ensinam com base na vivência experimentada ao longo de sua existência.

A constatação sobre o conteúdo do que foi discutido acima pode ser comprovada a partir dos relatos de pessoas idosas nos memoriais escritos da UAMA, nos quais ficou demonstrado que os novos paradigmas estabelecidos pela sociedade moderna tiveram um impacto positivo na ressignificação da vida cotidiana, tendo em vista a visão unânime de todos acerca das mudanças que ocorreram em suas vidas a partir das aprendizagens adquiridas com e através da UAMA, principalmente no que diz respeito à construção de uma nova imagem por eles próprios acerca de si mesmos e da própria sociedade, na qual foram reinseridos a partir de um programa que tinha esta entre um de seus objetivos.

O pensamento expressado por todos ao final dos relatos era o de que mais que um espaço aberto para o reencontro e a descoberta do potencial das pessoas idosas, a UAMA significou uma oportunidade para mudar de vida, de sair do isolamento social, se atualizar e, principalmente, de se ver como gente que merece respeito, que tem direito a voz, vez e um lugar privilegiado na sociedade em construção. Em outras palavras, para todas as pessoas idosas a UAMA representou uma mudança com qualidade de vida, um aprendizado que vai além da sala de aula e tem impacto na ressignificação de suas vidas cotidianas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que velho e arcaico é o pensamento e o preconceito daqueles que não conseguem enxergar além de si próprios para compreender que um dia também envelhecerão e necessitarão dos ensinamentos e aprendizagens adquiridos agora.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326.

BEAUVOIR Simone de. **A Velhice. A realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOBBIO, Norberto – **O Tempo da Memória**. De senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

BOSI. E. **Memória e Sociedade**. 12. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional do Idoso** - Lei nº 8.842, de janeiro de 1994, 1ª edição, Brasília, Reimpresso em maio de 2010.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos? um estudo sobre professores da Universidade da Terceira Idade**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

CAMPOS, Dinah Martins de S. **Psicologia da Aprendizagem**. Vozes (RJ), 1983, 14ª edição.

CORSETTI, B. **Análise documental no contexto da metodologia qualitativa**. UNIrevista, vol. 1, n° 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf)> Acesso em: 21 de abril de 2011.

COSTA. E. M. S., **Gerontodrama: A velhice em Cena**. São Paulo: Ágora, 1998.

DEL PRIORI, Mary (Org.) **História das crianças no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, M. (1984). **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050**. Revisão 2008. Estudos e Pesquisas DPE, IBGE, n. 24, 2008.

JOSSO, M-C. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006, V.1. p.357.

KACHAR, V. **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDES, T.M.S. **Da adolescência a envelhescência: convivência entre as gerações na atualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MERCADANTE, E. F; BRANDÃO, V.M.A.T. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAÇOES UNIDAS. **Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento**. Madrid, Espanha, 2002 (Resolución 57/167).

NÉRI, A.L. **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995.

NOVAES, M. H. **Psicologia da terceira idade**. Rio de Janeiro: Nau, 1997.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

OLIVEIRA, J. L. de. **Texto acadêmico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

PEIXOTO, C. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-142.

PORTILHO, E.M.L. *Aprendizaje universitario: un enfoque metacognitivo*. **Tese de doutorado**. Departamento de Psicología Evolutiva y de la Educación. Facultad de Educación. Madri (Esp.): Universidad Complutense de Madrid, 2003. Recuperado em 02 setembro, 2010, de: <http://biblioteca.ucm.es/tesis/edu/ucm-t27286.pdf>

**Plano de Ação Internacional Sobre o Envelhecimento**, 2002/Organização das P712a Nações Unidas; tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. – Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. 2.ed., 1a reimpressão. São Paulo : Contexto, 2008.

**Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**, 2002/Organização das P712a Nações Unidas; tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PODER EXECUTIVO MINSTÉRIO DA JUSTIÇA. **Política Nacional do Idoso** – Programa Nacional de Direitos Humanos. SNDH, Brasília, 1998.

PORTAL BRASIL. **População idosa no Brasil cresce e diminui número de jovens, revela Censo**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2011/04/populacao-idosa-no-brasil-cresce-e-diminui-numero-de-jovens-revela-censo>>. Acesso em 07/03/2015, às 00h04.

SALOMON, Do. Apud Sérgio Luiz de Oliveira, **Metodologia Científica Aplicada ao Direito**, 2.ed., São Paulo: Pioneira Thomson Learning Ltda, 2002, p.67.

SOUZA, E. G. Gêneros textuais na perspectiva da educação profissional. **Tese de Doutorado em Letras**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em [www.ufpe.br/pgletras/2008/teses/tese-edna-guedes.pdf](http://www.ufpe.br/pgletras/2008/teses/tese-edna-guedes.pdf). Acesso em 01/09/2013.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TEDESCO, J.C. Os fenômenos da segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 17, p. 13-28, Nov/2002.

TODARO, M. A. Educação Continuada/Educação Permanente. In: Nery, A.L. **Palavras chave em gerontologia**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2008, p. 63-67, Coleção Velhice e Sociedade.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.